

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO, GÊNEROS E SEXUALIDADES: UM ESTUDO DA INFLUÊNCIA DE TEORIAS FEMINISTAS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE TESES E DISSERTAÇÕES EM PSICOLOGIA NO BRASIL

Alexandra Rosin Botan ¹
Thais Souza Fialho ²
Leonardo Lemos de Souza ³

INTRODUÇÃO

Este estudo está inserido no desenvolvimento de um programa de pesquisa cujo objetivo é de realizar revisões no campo de estudos em Psicologia do Desenvolvimento. Este percurso já havíamos iniciado em pesquisa desenvolvida anteriormente (LEMOS de SOUZA, 2016) na qual buscamos entender as referências na produção de conhecimento sobre os processos de mudança, que privilegiavam as experiências de vida interseccionados pelas singularidades e coletividades do(a)s sujeito(a)s. Este trabalho é fruto de uma pesquisa de iniciação científica financiada pela FAPESP – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (processo 2018/10589-5), que ainda está em andamento.

A Psicologia do Desenvolvimento embasou-se em referenciais de cunho positivista, adultocêntrico e normatizante, cujo discurso se alicerçava em uma heteronormatividade cisgênera compulsória que desconsiderava as múltiplas existências dos corpos dissidentes e a influência da cultura na formação psíquica de cada indivíduo. Através de um paradigma padronizado, previa etapas no curso do crescimento das crianças em uma perspectiva quase determinante, não permitindo espaços para desvios do que era considerado a “norma”. Entretanto, como elucidado por Sayão (2003, p. 84): “o corpo não é um elemento fixo, biológico, natural: ele pode ser constantemente receber novos significados – se o concebermos como uma categoria instável que se modifica através de cada relação social”.

A partir das décadas de 1960 e 1970, o movimento feminista passou a questionar o conhecimento produzido até então sobre a universalidade e naturalização do que era considerado “ser homem” e “ser mulher”, bem como a hegemonia da produção científica masculina e cisnormativa. No âmbito teórico-epistemológico, introduziu o conceito de “gênero”, desenvolvido a fim de contestar essa naturalização das diferenças entre homens e mulheres (Louro, 2007). Bem como pontua Traverso-Yépez e Pinheiro (2005, p. 148):

“o movimento feminista, situado por diversos autores entre um conjunto de movimentos sociais surgidos nas décadas de 60 e 70 do século XX, pôs em xeque as contradições entre o discurso universalista e igualitário, próprio do Liberalismo, e as práticas de exclusão e opressão a que, historicamente, as mulheres têm sido submetidas.”

¹ Autora; Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Assis, ale.r.botan@gmail.com; (bolsista fapesp)

² Co-autora; Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Assis, Thaisfialho02@gmail.com; (bolsista fapesp)

³ Professor orientador; Livre Docente, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho – Campus de Assis - SP, leonardo.lemos@unesp.br

Problematicando a produção e pesquisa da Psicologia do Desenvolvimento dos últimos trinta anos, este trabalho busca esquematizar e compreender como o conceito de gênero é tratado neste campo no Brasil, considerando a influência das teorias feministas para a transformação da compreensão desse conceito e os desdobramentos políticos e éticos a partir disto. Para isso, foram analisadas vinte publicações brasileiras encontradas em bases de dados digitais online (SCIELO, CAPES, Google Scholar e BDTD).

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O primeiro passo foi delimitar os descritores utilizados para o levantamento de periódicos e teses e os dados digitais on-line em que seriam realizadas as buscas. Durante a busca com os descritores “*psicologia do desenvolvimento*”, “*gênero*”, “*infância*”, “*sexualidade*”, “*adolescência*”, “*juventude*”, notamos que havia uma notória ausência de publicações que transcendessem o sistema cisgênero, restringindo-se, em sua maioria, a estudos binários acerca da problemática homem-mulher. Portanto, também foi utilizado o descritor “*transgênero*” para realizar a pesquisa.

Realizamos a leitura e fichamento de cada artigo a fim de compreender como gênero é abordado, se é discutido enquanto categoria principal ou variável e como se sucede a influência da presença (ou ausência) de autorias feministas em cada um. Os conceitos de gênero foram categorizados em: a) sem leitura definida; b) essencialista biologizante; c) intersecção entre biologia e cultura e d) construção histórica-social-cultural, que transcende a biologia.

As feministas consideradas para a análise e levantamento dos artigos foram: Judith Butler, Joan Scott, Donna Haraway, Gayle Rubin, Linda Nicholson e Simone de Beauvoir. Também foram considerados trechos sobre o movimento feminista e a Teoria Queer.

DESENVOLVIMENTO

Após o levantamento das publicações, foi realizada a leitura, fichamento, análise e discussão. Para isso, foram selecionados 12 artigos (dentre os quais 5 são teóricos e 7 empíricos) e 8 teses, totalizando, assim, 20 publicações. Para esta seleção, foram consideradas as publicações de psicologia que permitem um diálogo entre gênero e os marcadores etários da infância e da adolescência através de uma perspectiva crítica, considerando as problematizações deterministas heterocentradas e/ou cisonormativas que apagam as existências dos corpos que escapam da norma. Os artigos selecionados foram:

- Teorias de gênero e subordinação de idade: um ensaio – Fúlvia Rosemberg;
- Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar relações de gênero e infância – Déborah Thomé Sayão;
- Contribuição da categoria gênero para os estudos sobre adolescência e juventude no âmbito da psicologia e ciências sociais como meio de evidenciar a permanência das desigualdades e a necessidade de enfrentar a exclusão social – Liana Riscado e Simone Peres;
- Deslocamentos crianceiros, conversas transviadas: coisas da educação e de afirmação de uma vida que importa – Alexsandro Rodrigues, Castiel Vitorino Brasileiro, Jésio Zamboni, Marcelo Santana Ferreira e Steferson Zanoni Roseiro;
- Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção – Maria Conceição Costa, Clevane Pessoa A. Lopes, Ronald Pagnoncelli de Souza, Balmukund Niljay Patel;
- Brincadeiras de rua em Belém-PA: uma análise de gênero e idade – Sarah Danielle Baia Silva, Eline Freire Monteiro, Fernando Augusto Ramos Pontes, Celina Maria Colino Magalhães, Simone Souza da Costa Silva;

- Participação política juvenil e constituição de gênero: uma questão para a psicologia do desenvolvimento – Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira, Adriana Almeida Camilo;
- A perspectiva das crianças sobre questões de gênero na escola – Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire, Stéphanie Sabarense, Angela Uchoa Branco;
- Socialização de gênero e adolescência – Martha A. Traverso-Yépez e Verônica de Souza Pinheiro;
- Ritos de passagem da adolescência à vida adulta: diferenças etárias e de gênero – Luciana Karine de Souza e Sherri Nevada McCarthy;
- Diferenças de gênero no brincar de crianças pré-escolares e escolares na brinquedoteca – Fernanda Wanderlind, Gabriela Dal Forno Martins, Janete Hansen, Samira Mafioletti Macarini, Mauro Luis Vieira;
- Brincadeiras de meninos e meninas: segregação e estereotipia em episódios de faz-de-conta – Ilka Dias Bichara;

As teses e dissertações selecionadas foram:

- Desenvolvimento da identidade de gênero em casos de intersexualidade: contribuições da psicologia – Moara de Medeiros Rocha Santos;
- Infância, gênero e estereótipos sexuais: análise do relato de mães de crianças de 4 a 6 anos – Kellen Cristina Florentino Reis;
- Orientação afetivo-sexual e desenvolvimento humano: relato de pessoas sobre a infância, adolescência, relações familiares e sociais – Felipe Ganzert Oliveira;
- Ser menina: um olhar bioecológico para o gênero feminino na infância e na adolescência – Milady da Silva Oliveira;
- As narrativas de adolescentes sobre gênero em um ambiente virtual – Gabriela Sagebin Bordini;
- Performance de gênero não normativa na adolescência: contribuições da teoria do self dialógico – Davi Contente Toledo;
- Juventude, sexualidade e relações afetivo-sexuais: uma análise interseccional de jovens rurais e urbanas/as – Fernanda Sardelich Nascimento-Gomes;
- “Quem poderá normatizar a criança?” O que diz a psicologia sobre infância, sexualidade, gênero e desenvolvimento em cursos de literatura e formação de psicólogo/a – Hugo Higino Perez de Andrade

Os artigos, teses e dissertações levantadas utilizaram das teorias feministas para criticar perspectivas binárias e dicotômicas de gênero, as quais partiam de uma premissa do desenvolvimento da sexualidade enquanto linear, universal e em etapas fixas. Até o advento dos estudos feministas, a Psicologia do Desenvolvimento tradicional se escorava em determinações biológicas, trazendo uma leitura da infância restrita ao contexto familiar sob um olhar adultocêntrico, desconsiderando o contexto sociocultural e apagando as existências daquelas crianças que não se adequavam à norma heterocisnormativa branca. Assim, questões acerca das opressões vinculadas ao patriarcado e relações de poder que permeiam os vínculos sociais marcados por gênero, raça e idade puderam ser pensadas e reconsideradas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das vinte publicações levantadas, não encontramos nenhuma que expusesse o conceito de gênero a partir, puramente, de um reducionismo biológico sem considerar a influência da cultura. Outrossim, encontramos quatro publicações que conceituaram gênero enquanto dependente de uma intersecção entre aspectos sociais, culturais e biológicos. Com uma perspectiva pré-determinista do conceito, estes artigos se utilizaram como justificativa algumas

diferenças entre meninas e meninos cuja origem se encontra na biologia, sem, no entanto, negar a influência de padrões culturais que podem auxiliar na determinação de papéis sociais e comportamentos de um sujeito.

Tratando gênero enquanto uma expressão social e cultural complexa e formada a partir da socialização e introjeção de aspectos culturais aos indivíduos, encontramos quinze artigos. Estes pontuam uma distinção clara entre sexo biológico, a genitália, e gênero, como uma representação das tendências sociais embasadas em conteúdos simbólicos e ideológicos de relações de poder. Os autores também trabalham o conceito de identidades de gênero, como a convicção pessoal de cada indivíduo sobre si, independente da forma do corpo, bem como papéis de gênero enquanto um conjunto de expectativas sobre comportamentos e ações consideradas apropriadas para homens e mulheres, em determinada cultura. Apenas um artigo levantado não apresenta uma leitura concreta de gênero.

Durante o levantamento das publicações, das vinte levantadas, apenas sete não mencionaram alguma influência de teorias feministas em seu desenvolvimento. As feministas mais citadas foram Judith Butler e Joan Scott (7 artigos), seguidas por Linda Nicholson (3).

Com Butler, alguns aspectos puderam ser utilizados como um mecanismo de empoderamento e afirmação das próprias existências enquanto legítimas. O sistema sexo-gênero, proposto por Gayle Rubin, como uma integração de um conjunto de códigos e princípios por meio dos quais a sociedade transforma em produto de atividade humana a sexualidade biológica, também possibilitou aberturas para novas produções. Essas formulações possibilitaram um diálogo entre Rubin e Butler, a qual também propõe distinções entre sexo e gênero, antes tratado como uma unidade indissociável, fruto de concepções pautadas em modelos heteronormativos cujos quais homogeneizavam os indivíduos. Questionou, também, os privilégios derivados das relações de poder, o próprio pressuposto da binariedade de gênero e a supremacia da produção científica masculina e cisnormativa.

Donna Haraway também traz esse questionamento: “As questões de raça, classe e gênero, marcadores constitutivos da subjetividade, são apagadas ou silenciadas” (HARAWAY, 1995). Ela questiona a verdade do purismo trazida pela modernidade, abordando a hibridéz existente nos sujeitos e questionando fronteiras e bordas que o delimitam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa ainda está em processo de desenvolvimento, portanto, a análise ainda não está completa. Notava-se a associação entre sexualidade e desenvolvimento presente nos discursos, concebendo uma explicação de infância que sempre precisou atender a um molde pré-discursivo, que produz uma concepção de infância pronta.

A maior parte das publicações pontuaram que os estudos feministas, com o advento da filosofia pós-estruturalista, puderam questionar formulações do essencialismo que postulavam a identidade dos corpos como fixa e estável. A Teoria Queer de Butler, baseada na premissa do Feminismo da Diferença, também foi mencionada para reiterar a necessidade de trabalhar gênero enquanto um dispositivo.

É possível observar que, como afirma Butler (2003), a ontologia feminista não quebra com o paradigma, mas inverte o polo de poder postulado até então. Isto abre possibilidade para compreender a existência de outras infâncias e outras adolescências e considerar outras formas de existir que fogem do modelo heterocisnormativo enquanto legítimas. O discurso da Psicologia do Desenvolvimento era pautado em um caráter meramente modelador de sentido e vivência, tornando a sexualidade um fenômeno linear de ultrapassagem de etapas.

Palavras-chave: Teorias feministas, gêneros, produção científica, psicologia do desenvolvimento, Sexualidades.



REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. / Judith Butler; tradução Fernanda Siqueira Miguens; revisão técnica Carla Rodrigues. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 7-75

AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues De. **Formação Discursiva e Discurso em Michel Foucault**. In: Revista Filogênese, Vol. 6, nº 2, 2013. p. 148-162

HARAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, (5), 1995: 07-42.

NARVAZ, Martha Giudice e KOLLER, Sílvia Helena. **Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política**. In: Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006. p. 648-654

RUBIN, Gayle. **Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade**. / Gayle Rubin; tradução Felipe Bruno Martins Fernandes; revisão técnica Miriam Pillar Grossi

SAYÃO, Déborah Thomé. **Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar relações de gênero e infância**. In: Revista Proposições, vol. 14, nº 03, 2003.

Louro, Guacira Lopes.(2007). **Gênero, sexualidade e educação: Das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas**. Educação em Revista, 201-218.

